

LUIS SOUTA*¹

ESCOLAS DE ENSINO SUPERIOR “condomínios privados” ao alcance de todos

«a Universidade conserva-se fecunda e prolífica, não cessando jamais de criar bacharéis na mesma abundância maravilhosa com que o Mondego cria lampreias e Santo António dos Olivais cria penças de manjar branco. Depois de haverem bebido todo o leite da sabedoria que a Universidade lhes propina, os bacharéis acabam por via de regra estoirando de fome ou indo, à sua própria custa aprender outro ofício menos estéril que o de bacharelar.»

(“Universidade de Coimbra” in *Costumes e Perfis*, Ramalho Ortigão)

A tão badalada “cultura de proximidade” tem produzido, no generalizado acesso ao ensino superior, efeitos perversos, acentuando, em particular, o fechamento sócio-cultural dos estudantes.

Nesta comunicação, e tomando como ilustração os dados de uma das escolas superiores do Distrito de Setúbal, procura-se demonstrar como a proliferação do ensino superior (público e privado, universitário e politécnico), a crescente abertura de vagas nos primeiros anos dos seus cursos e o recrutamento dos seus “clientes” numa base local tem vindo a transformar estas escolas em instituições paroquiais, fechadas sobre si, sem capacidade de se renovarem por impossibilidade prática de recorrerem ao “efeito de espelho”.

1. O “Superior” para (quase) todos

Num longo período de tempo, o ensino superior resumiu-se à Universidade de Coimbra. «Ao chegar a Coimbra, a mocidade encontrava, como encontra ainda, uma paisagem propícia a todas as transfigurações. Infelizmente, faltava nela, como falta ainda, o sopro do espírito.» (*Fogo Preso*, Miguel Torga, 1976).

Neste Centenário da República, deram-se também início às comemorações dos 100 anos da Universidade de Lisboa e do Porto². De facto, no século XX, a oferta universitária

* Professor Coordenador na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal

¹ Agradeço à Cristina Isidro (S. Informática) e ao S. Académico o fornecimento de dados que permitiram a elaboração dos quadros incluídos nesta comunicação.

² Criadas em 22 de Março de 1911.

cingiu-se, durante décadas, ao litoral, às três principais cidades do país (Lisboa, Porto e Coimbra).

Só com o impulso dos Planos de Fomento, no consulado marcelista, se iniciou o processo de criação de outros centros universitários e politécnicos (no interior) que as *Linhas Gerais da Reforma do Ensino Superior* de Veiga Simão, em Janeiro de 1971, viria a con-substanciar em Vila Real, Covilhã e Évora.

Quão diferente é o panoramas nos dias que correm! Só a rede do politécnico (quinze institutos com 63 escolas superiores) está hoje presente em 29 cidades do país, com 16 dessas escolas a funcionar fora das capitais de distrito ³. Convenhamos que é uma rede sobredimensionada para um país tão pequeno.

No presente ano lectivo, bateu-se o recorde de entradas no Ensino Superior – 45592; se contabilizarmos também os mestrados e pós-graduações, os ingressos, nos dois subsistemas – universitário e politécnico –, atingem os 118 mil. No que respeita ao concurso de acesso geral, manteve-se a tendência de crescimento iniciada em 2005. Nove em cada 10 entraram logo na 1.^a fase (88%). E destes, 55% ficou colocado na primeira opção, 19% na segunda preferência e 11% na terceira.

Muitas destas escolas utilizam a chamada “preferência regional”, ou seja, recruta-se preferencialmente no distrito. Ser colocado em estabelecimentos perto do local de residência é percepcionado como muito positivo pelos candidatos e suas famílias. As políticas de ensino, das últimas décadas, apontam nesse mesmo sentido. Funciona aqui uma dupla gratificação, muito valorizada na retórica do poder político: (i) acentua-se a democratização no ingresso ao ensino superior, num país ainda com taxas baixas de formação qualificada; (ii) promove-se a igualdade de oportunidades, atenuando as condições sócio-económicas como factores excludentes.

Não quero, de modo algum, questionar estes dois “ganhos” resultantes da democracia pós-25 Abril. Pretendo alertar para a “outra face”: os inconvenientes de uma política de formação superior a que não corresponde o alargamento de horizontes através de uma mobilidade enriquecedora.

2. A Escola ao pé de casa

A população estudantil da escola que nos serve de exemplo (aqui designada por *E. S. xpto*) provem predominantemente do distrito de Setúbal (81%), em particular da Península de Setúbal (73,3%). Um quarto (209) vivia no concelho de Setúbal, onde a escola está sediada; seguiam-se os concelhos de Seixal, Palmela, Moita, Almada, Barreiro. Os provenientes dos distritos de Setúbal e Lisboa constituíam a quase totalidade dos seus estudantes (92%) (cf. Quadro 1).

Acresce que todos os seus funcionários (36) residiam no distrito, e 86% no próprio concelho de Setúbal (31).

No que respeita aos docentes (num total de 104), segundo dados de 2005-06, 97,1% tinham a sua residência nos Distrito de Setúbal (62,5%) e de Lisboa (34,6%).

³ Localidades (não capitais de distrito) onde estão sediadas Escolas dos Institutos Politécnicos da rede pública: Abrantes, Barcelos, Barreiro, Caldas da Rainha, Elvas, Felgueiras, Idanha-a-Nova, Lamego, Mirandela, Oliveira do Hospital, Peniche, Ponte de Lima, Rio Maior, Seia, Tomar, Valença.

Quadro 1. Residência dos Estudantes da *E.S.xpto*, em 2006-07

DISTRITO/REGIÃO	CONCELHO	N.º ESTUDANTES	Sub-totais
SETÚBAL	Setúbal	209	
	Seixal	97	
	Palmela	65	
	Moita	65	
	Almada	65	
	Barreiro	64	
	Montijo	35	
	Sesimbra	33	
	Santiago Cacém	12	
	Alcácer do Sal	8	
	Alcochete	7	
	Grândola	6	
	Sines	2	668 – 81%
LISBOA	Lisboa	18	
	Sintra	18	
	Oeiras	11	
	V. F. Xira	11	
	Amadora	10	
	Loures	7	
	Odivelas	5	
	Outros (4)	8	88 – 10,7%
ÉVORA	Montemor-o-Novo	5	
	Vendas Novas	4	
	Outros (3)	4	13
SANTARÉM	Tomar	2	
	Torres Novas	2	
	Outros (6)	6	10
FARO	Faro	3	
	Albufeira	2	
	Silves	2	
	Outros (3)	3	10
MADEIRA	Funchal	3	
	Câmara de Lobos	3	
	Outros (3)	4	10
PORTALEGRE	Ponte de Sor	2	
	Elvas	2	
	Outros (2)	3	7
BEJA	Moura	2	
	Outros (3)	3	5
LEIRIA	Bombarral	1	
	Outros (3)	3	4
AÇORES	Ponta Delgada	2	
	Madalena	1	3
COIMBRA	Montemor-o-Velho	1	
	Penacova	1	2
PORTO	V. N. Gaia	1	
	Porto	1	2
BRAGA	Vila Verde	1	
	Terras de Bouro	1	2
C. BRANCO	Covilhã	1	1
Total	70		825 – 100%

Nos últimos tempos, estes valores têm vindo a acentuar-se. O Quadro 2 mostra como, quatro anos volvidos, os estudantes matriculados no 1.º ano das seis licenciaturas, da escola em análise, pouco diferiam do global dessa instituição (só menos 1 ponto percentual em cada um dos grupos considerados – Setúbal, Lisboa e outros distritos). Ora é ao nível dos primeiros anos que a origem dos alunos é geograficamente mais diversificada⁴. Nos anos seguintes do curso, alguns deles vão recorrendo ao regime de transferências para se aproximarem de suas casas. Outros acabam por engrossar o abandono escolar, devido às dificuldades em gerir as deslocações diárias casa-escola.

Quadro 2. Residência dos Estudantes do 1.º ano das licenciaturas da *E.S.xpto*, em 2010-11

DISTRITO/REGIÃO	CONCELHO	N.º ESTUDANTES	Sub-totais
SETÚBAL	Setúbal	51	
	Seixal	22	
	Palmela	20	
	Almada	20	
	Moita	18	
	Barreiro	15	
	Montijo	12	
	Sesimbra	10	
	Alcochete	5	
	Outros (Alcácer, Grândola, Santiago, Sines)	9	182 – 80,2%
LISBOA	Lisboa	7	
	Cascais	3	
	Sintra	3	
	Mafra	3	
	Outros (Alenquer, Amadora, Loures, Oeiras, VFX)	6	22 – 9,7%
AVEIRO	Outros (3)	3	
BEJA	Outros (3)	3	
MADEIRA	Outros (3)	3	
AÇORES	Outro (1)	1	
BRAGANÇA	Outro (1)	1	
C. BRANCO	Outro (1)	1	
COIMBRA	Outro (1)	1	
ÉVORA	Outro (1)	1	
GUARDA	Outro (1)	1	
SANTARÉM	Outro (1)	1	16 – 7%
s/endereço		7	7 – 3,1%
Total	38		227 – 100 %

O Quadro 3 revela os dados referentes aos estudantes dos cinco cursos de mestrado, a nova realidade formativa deste tipo de escolas. A sua dispersão é menor (originários de 24 concelhos contra os 38 dos de licenciatura), mas os números, apesar de ligeiramente inferiores nos distritos de Setúbal e Lisboa, devem ser analisados com as devidas cautelas

⁴ Por exemplo, são menos os que residem no concelho de Setúbal, 22,5% contra os 25,3% do total de alunos da Escola.

uma vez que não se conhecem os endereços de cerca de 15% dos matriculados (!). Estamos em crer que, a partir do momento em que se generalizam os mestrados no ensino politécnico, a origem dos estudantes dos 2.ºs ciclos não vai diferir muito daqueles que frequentam as licenciaturas (1.ºs ciclos).

Quadro 3. Residência dos Estudantes do 1.º ano dos mestrados da *E.S.xpto*, em 2010-11

DISTRITO/REGIÃO	CONCELHO	N.º ESTUDANTES	Sub-totais
SETÚBAL	Setúbal	40	
	Barreiro	35	
	Palmela	20	
	Seixal	15	
	Alcochete	9	
	Moita	9	
	Sesimbra	7	
	Almada	6	
	Outros (Alcácer, Grândola, Montijo, Santiago)	13	154 – 76,2%
LISBOA	Sintra	3	
	Lisboa	2	
	Loures	2	
	Outros (Mafra, Oeiras)	2	9 – 4,4%
ÉVORA	Outros (2)	3	
MADEIRA	Outros (3)	3	
BEJA	Outro (1)	2	
AÇORES	Outro (1)	1	9 – 4,4%
s/ endereço		30	30 – 14,9%
Total	24		202 – 100 %

Por último, o Quadro 4 sintetiza os dados anteriores. Os alunos que frequentam a *E.S.xpto* residem em larga maioria no distrito de Setúbal (superior a $\frac{3}{4}$); de salientar ainda que os concelhos de Setúbal, Palmela e Seixal, aqueles que estão geograficamente mais próximos da escola, aparecem sempre nos quatro primeiros lugares quer se trate de licenciaturas quer de mestrados.

Quadro 4. Resumo comparativo (em percentagem)

DISTRITO/REGIÃO	ESCOLA (2006-07)	1º ANOS (2010-11)	MESTRADOS (2010-11)
SETÚBAL	81	80	76
LISBOA	11	10	4
Setúbal + Lisboa	92	90	80
Outros distritos	8	7	4
s/endereço	-	3	15

3. As consequências

Podemos dizer que estas escolas se assemelham muito aos “condomínios privados”. Vive-se ao lado daqueles que são iguais a nós, no dinheiro, na cultura, nos estilos de vida... Num contexto destes, as experiências de inter-acção com outras pessoas de diferentes regiões e de diversos estatutos sócio-culturais são praticamente nulos. Ou seja, continua-se a (con)viver com os mesmos de sempre, aqueles que, nalguns casos, são companheiros desde o jardim-de-infância.

O programa Erasmus poderia ser uma alternativa ao enclausuramento geográfico e cultural. Mas este programa de mobilidade da UE não leva ao estrangeiro mais que 2% dos estudantes (caso da *E.S.xpto*, no ano de 2005-06), o que equivale a 17 outgoings (e no ano anterior tinham sido apenas 2!). Ao nível do Instituto, no qual se insere a *E.S.xpto*, a situação ainda é pior: 1,1% de saídas. E nem a componente nacional atenua estes números: só 2 estudantes usufruíram do Programa Vasco da Gama (mobilidade de estudantes entre escolas do ensino politécnico).

Em suma, estamos hoje em presença de escolas com uma população (discente, docente e de funcionários) recrutada no “local”. E não há distritos/concelhos que produzam recursos humanos com habilitações (para uns) e notas do secundário (para outros) capazes de tornar as escolas superiores em centros de “excelência” (termo usado até à exaustão pelo marketing académico). Por enquanto, não passam de «centros de treino»⁵ na expressão do ensaísta e escritor Alberto Manguel.⁶

4. Nota final, a investigação

A realização de investigação, regular e sistemática, isto é, anual, sobre o perfil dos estudantes do ensino superior (por instituto/universidade, unidade orgânica e curso) é fácil de levar a cabo. Os dados estão disponíveis desde o acto da matrícula, em formato digital, nas próprias escolas (e nos Serviços de Acção Social Escolar) o que permite o tratamento rápido da informação desejada. Basta apenas colocar este tópico na agenda das instituições. Investigadores interessados nesta matéria não faltam.

⁵ Um exemplo, a EST do Barreiro anunciou na imprensa um “Curso Intensivo de Preparação para as Provas Maiores 23”, em Física e Matemática, para acesso aos seus três cursos de licenciatura. Treino puro... para uma entrada assegurada.

⁶ Entrevista do autor argentino, de *Uma História da Leitura* (Editorial Presença, 1999), ao *Ípsilon*, 02/07/10, pp. 30-33.